

A PRESENÇA NO ISOLAMENTO: MUSICARES DE ARTISTAS DE RUA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Autora:

Mariana Talamini

RESUMO

Este artigo surge de uma pesquisa de Iniciação Científica idealizada em 2019 e iniciada em março de 2020. Ressalta-se aqui o período em que foi realizada, pois o projeto de pesquisa não vislumbrava os duros impactos das medidas sanitárias, especialmente o isolamento social, impostos pela pandemia de COVID-19. Desde o princípio, o objeto de investigação foram os artistas de rua que tocavam na Avenida Paulista; entretanto, diante desse cenário, o elemento “rua” deixou de existir, no que diz respeito às práticas musicais. Portanto, através da reestruturação do projeto e da utilização de novas metodologias, pude acompanhar os processos de adaptação e reinvenção dos artistas de rua no meio digital. Neste artigo, apresento as ferramentas metodológicas utilizadas para reconstrução do campo, bem como as ferramentas usadas pelos artistas para a continuidade de suas práticas musicais desde o início da pandemia. Por ter a internet como mediadora de todas as etapas dessa pesquisa, proponho reflexões em torno das ausências e prejuízos causados pelo acesso não democrático ao ambiente digital.

PALAVRA-CHAVE:

artistas de rua; Avenida Paulista; musicar; netnografia; COVID-19.

ABSTRACT

This article arises from a Scientific Initiation idealized in 2019 and started in March 2020. The temporality is highlighted, since the research project did not foresee the harsh impacts of health measures, especially social isolation, imposed by the COVID-19 pandemic. From the beginning, the object of investigation was the street artists who played on Avenida Paulista; however, in this scenario, the “street” element ceased to exist in regard to musical practices. Therefore, through the restructuring of the project and the use of new methodologies, I was able to follow adaptation and reinvention processes of street artists through digital platforms. In this paper, I present the methodological tools used to reconstruct the fieldwork, as well as the tools used by artists for the continuity of their musical practices since the beginning of the pandemic. By having the internet as a mediator of all stages of this research, I propose

reflections around the absences and damages caused by the non-democratic access to the digital environment.

KEYWORDS

Street Music; Avenida Paulista; musicking; netnography; COVID-19.

1. INTRODUÇÃO

Caminhar pela Avenida Paulista aos domingos, até o começo de março de 2020, era se deparar com solos de guitarra, uma mulher com violão e microfone tocando músicas autorais, um senhor tocando valsas na sanfona, um homem fazendo música com uma corda tensionada nas extremidades de um cabo de vassoura e outro fazendo um cover de um artista famoso (e que, por ser tão semelhante, impressiona e aglomera pessoas), um trio de forró que reúne pessoas dançando no asfalto, ao mesmo tempo em que um coro de transeuntes entoava sambas ao redor de um grupo com violão, pandeiro, tamborim e um tantã (ao lado de um mercado rápido), um rapaz que toca trilhas sonoras de filmes no violino enquanto uma criança

dançava, que está aberta com algumas moedas.

As performances musicais compunham uma densa, diversa e intensa malha sonora, reunindo pessoas que paravam para ouvir, olhar, registrar, dançar, cantar, ou mesmo, que diminuía a velocidade do caminhar para destinar minutos da sua atenção aos eventos musicais que as cercavam. A viabilização do Domingo na Paulista foi possível através da mobilização da sociedade civil, de organizações, coletivos e ONGs que culminou no Programa Ruas Abertas, oficializado através do Decreto nº 57.086 de 24 de junho de 2016, na gestão do prefeito Fernando Haddad. Desde então, o programa intensificou o cenário descrito e estimulou as pessoas a realizarem mais atividades em espaços públicos¹, dentre elas, uma grande parte relacionada à música.

¹ A Avaliação de Impacto da Paulista Aberta na Vitalidade Urbana, em 2018, em parceria com o Laboratório de Mobilidade Sustentável (LABMOB) vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), apontou que 73% das pessoas entrevistadas afirmaram que o programa estimulou-as a realizar mais atividades em espaço público e, dentre as diversas atividades que ocorrem na Avenida, a pesquisa apontou que 54% eram relacionadas à música.

Entretanto, com a pandemia de COVID-19, as atividades que convocam a presença e o corpo-a-corpo foram suspensas e a “história que começa ao rés do chão, com passos” (CERTEAU, 1980, p. 163) foram suspensas. No dia 15 de março de 2020, a prefeitura de São Paulo anunciou o cancelamento da realização do programa Ruas Abertas na Avenida Paulista, e na época não se imaginava que se estenderia até o dia 18 de julho de 2021, quando houve o retorno parcial² do programa na Avenida.

Diversas esferas da vida social foram afetadas pelo isolamento social imposto, dentre elas as relações pessoais, trabalhistas, as práticas religiosas e, também, as práticas musicais. Assim, o on-line apresentou-se como mediador das conexões antes estabelecidas presencialmente e, também, como meio para estabelecer novas relações. Desse modo, muitos artistas que antes tinham as ruas como local para exercer a profissão, obter renda, difundir sua arte e para criar laços com o público,

² No retorno parcial, a abertura da avenida aos pedestres ocorreu apenas das 8h às 12h. Atualmente, a Paulista abre às 8h e volta a ter circulação de carros às 16h.

tiveram que iniciar ou aprimorar seus conhecimentos sobre as plataformas on-line para transpor suas práticas.

A pretensão desse artigo é apresentar os desdobramentos de uma Iniciação Científica que tinha como objetivo a investigação das práticas dos músicos de rua na Avenida Paulista e que, diante do desaparecimento do campo, teve que ser reformulada. A elaboração de novos objetivos para pesquisa e a busca por novas ferramentas mediadas pela tela para aproximação com o campo, frente ao cenário atípico de isolamento social, aconteceu concomitantemente à procura dos próprios artistas por maneiras de dar continuidade às práticas musicais interrompidas.

As novas relações suscitadas pelo deslocamento dos fazeres musicais das ruas para as casas foram investigadas à luz de duas noções: o conceito de “musicking”, de Christopher Small (1998), que abarca todo o engajamento em torno da música, adotado como “musicar” por Reily, Hikiji e Toni (2016), e a noção de que todo musicar é local, ou seja, que os engajamentos musicais – seja a performance ou a escuta – são produtores e produzidos

por localidade. Aqui, o conceito de localidade é compreendido a partir de Arjun Appadurai (1996), que a define como uma noção para além do espacial; uma propriedade da vida social, uma “estrutura de sentimentos” que se dá nas interações e relações entre espaço físico, indivíduos e práticas.

2. A PRESENÇA NO ON-LINE

Como dar início a um processo investigativo quando o campo físico se desfaz e não há nenhuma relação estabelecida com os sujeitos e grupos a serem pesquisados? De que maneira acessar o campo on-line? É possível integrar o on-line no arcabouço teórico pensado para o presencial?

A partir do momento em que compreendi que o trabalho de campo da pesquisa só poderia ser feito através da internet, deparei-me com questionamentos em torno da distinção entre offline e on-line, que me levaram à expansão da bibliografia. Mostrou-se fundamental a presença de uma literatura que tratasse especificamente de metodologias de pesquisa mediadas pela Internet; e diante de uma gama

de modos de pesquisar, apoiei-me na netnografia. Esta é definida por Robert Kozinets, em *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*, como uma pesquisa observacional que se baseia no trabalho de campo on-line, utilizando comunicações mediadas por computador como fonte de dados, incluindo outros métodos e ferramentas a depender dos objetivos da pesquisa. Kozinets (2014) sinaliza que a abordagem da netnografia não diz respeito apenas ao uso, mas ao peso do componente on-line no processo investigativo. O autor relata semelhanças com a etnografia; entretanto, não deixa de pontuar que:

[...] o ingresso na cultura ou comunidade online é diferente. Ele diverge do ingresso face a face em termos de acessibilidade, abordagem e extensão da potencial inclusão. ‘Participação’ pode significar algo diferente pessoalmente e online. Assim como o termo ‘observação’. [...] A coleta e análise de dados culturais apresentam determinados desafios bem como oportunidades que são novas. A ideia de ‘inscrição’ de ‘notas de campo’ é radicalmente alterada. As quantidades de dados podem ser diferentes. A capacidade de aplicar determinados instrumentos e técnicas analíticas muda quando os dados já estão em

formato digital. O modo como os dados precisam ser tratados pode ser diferente. (KOZINETS, 2014, p.12).

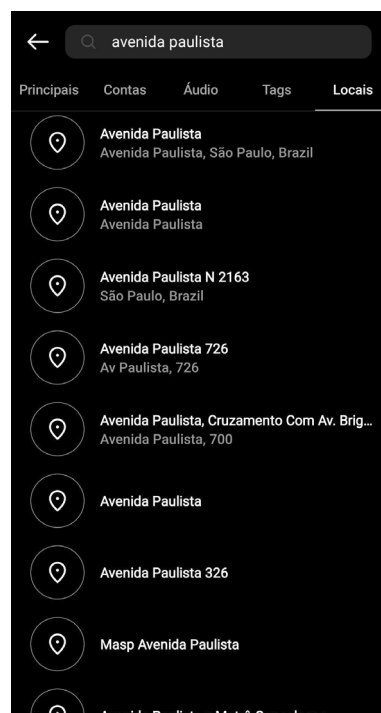
Portanto, a identificação e seleção dos sujeitos a serem pesquisados não se deu como se imaginava no princípio da Iniciação Científica – anterior à pandemia – visto que pesquisar os musicares na Avenida Paulista pressupunha a ocupação de um espaço público físico. Dessa forma, as ferramentas escolhidas foram pensadas como uma maneira de reconstruir e agrupar esses sujeitos através do on-line.

3. MAPEAMENTO

A metodologia de mapeamento on-line foi uma ferramenta preciosa e desafiadora, dada a quantidade excessiva de dados presentes na Internet. O objetivo principal foi descobrir algum canal de comunicação e aproximação dos artistas que tocavam na Avenida Paulista, encontrando nas redes sociais múltiplas possibilidades. Através do recurso de localização, disponível em plataformas como o Instagram e

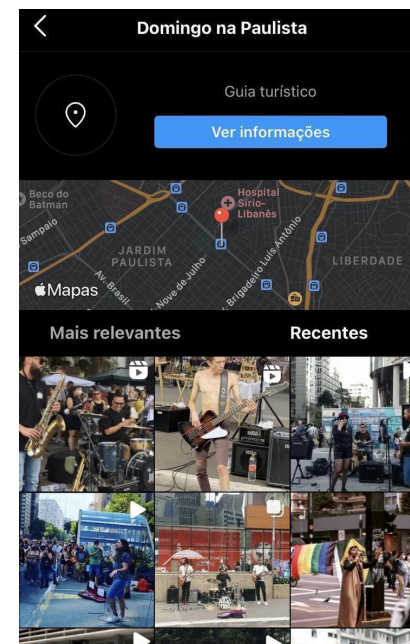
Facebook, é possível encontrar registros fotográficos e audiovisuais de uma localização específica, seja de uma avenida (Fig. 01), um espaço cultural ou mesmo ocupações de espaços públicos como o que ocorre na Avenida Paulista, nomeado como Domingo na Paulista (Fig. 02).

Fig. 01 - Captura de tela dos resultados de pesquisa na plataforma Instagram para “Avenida Paulista”.



Fonte: Mariana Talamini (2020) Paulista”.

Fig. 02 - Captura de tela dos resultados de pesquisa no Instagram para “Domingo na Paulista”.



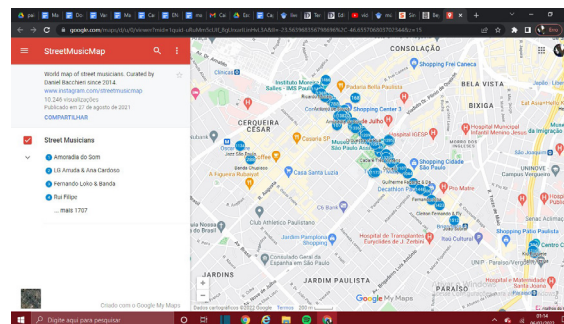
Fonte: Mariana Talamini (2020) Paulista”.

Outra ferramenta que possibilita esse tipo de mapeamento são as hashtags. Elas consistem em palavras-chave que se referem a diversos e inúmeros assuntos, dentre esses, a própria Avenida Paulista e o Domingo na Paulista. Através das hashtags #avenidapaulista e #domingonapaulista foi possível ter acesso a postagens semelhantes às apresentadas nas

figuras 01 e 02. Por último, há os acervos on-line, que podem ser tanto institucionalizados quanto construídos coletivamente, por meio do engajamento de usuários em torno de algum assunto e do compartilhamento de relatos e registros audiovisuais sobre o mesmo. Um exemplo de contribuição de acervo on-line coletivo para essa pesquisa é o projeto de mapeamento colaborativo *Street Music Map: a global research on street music*³, desenvolvido pelo jornalista e pesquisador Daniel Bacchieri, que através de vídeos feitos por pessoas do mundo todo já conta com mais de 1700 registros audiovisuais de músicos de rua em 100 países, compartilhados no Instagram e no Google Maps (Fig. 03). Dentre os vídeos compartilhados, há uma grande quantidade localizada na Avenida Paulista, o que permite encontrar os perfis dos músicos, visto que as postagens dos vídeos incluem o nome do grupo ou do artista solo.

³ O projeto pode ser acompanhado através do Instagram @streetmusicmap e/ou do site <http://streetmusicmelbourne.com/streetmusicmap-global/>

Fig. 03 - Captura de tela do compartilhamento realizado pelo Street Music Map, via Google Maps, dos registros audiovisuais de músicos localizados na Avenida Paulista.



Fonte: Mariana Talamini (2020) Paulista”.

A organização do material encontrado e selecionado deu-se de duas maneiras: a primeira foi seguir os perfis identificados como artistas que atuavam na Avenida Paulista e a segunda foi utilizar um terceiro recurso do Instagram que é opção de salvar as publicações, construindo uma espécie de acervo privado das publicações (Fig. 04 e 05).

A descrição das ferramentas utilizadas no mapeamento evidencia que a familiarização com a plataforma do Instagram fez parte do processo de construção do campo on-line e foi importante durante todo o

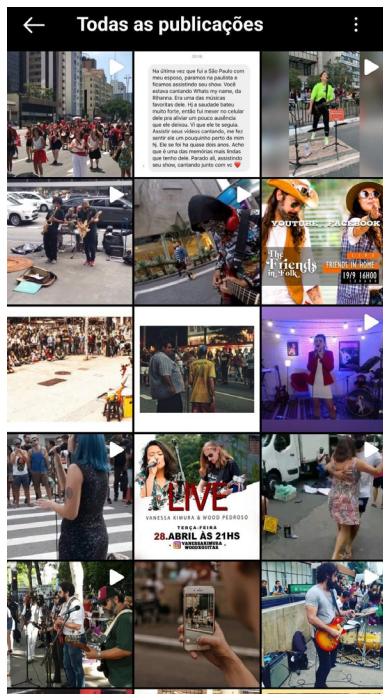
desenvolvimento da minha pesquisa. Levou-me, também, a reflexões – aprofundadas na seção de conclusão deste artigo – sobre problemáticas em torno das habilidades digitais necessárias para a utilização proveitosa da internet.

Fig. 04 - Captura de tela ilustrando a ferramenta para “salvar” uma publicação. A seta indica o local a ser clicado para acionar o recurso. A postagem foi feita pelo Bloco Batunta (@blocobatunta) em “uma apresentação feita na Avenida Paulista.



Fonte: Mariana Talamini (2020)

Fig. 05 - Captura de tela do acervo privado criado através do Instagram, sendo possível acessar todas as publicações salvas ao longo do mapeamento.



Fonte: Mariana Talamini (2020)

Por ser uma rede social que enfatiza o material audiovisual, durante um momento de ausência das práticas musicais na Avenida Paulista, o Instagram possibilitou uma aproximação de experiências vivenciadas no passado. A escrita não deixa de aparecer nas

publicações e muitas postagens trazem relatos nostálgicos sobre o musical vivenciado antes da pandemia de COVID-19, permitindo também o acesso a fragmentos de memórias de atores da prática investigada.

4. NÃO, NÃO POSSO PARAR

Em um país que, nos últimos anos, vem sucateando cada vez mais o setor cultural através do desmonte de políticas públicas e da precarização do trabalho, ação explicitada nos 41,2% de trabalhadores da cultura que ocupam cargos informais (IBGE, 2020)⁴, os artistas também tiveram que se desdobrar em busca de ferramentas on-line para obter uma renda financeira durante a pandemia. Se a precarização do trabalho já atingia diversos setores da economia brasileira, no setor cultural o impacto tem sido maior quando comparado a outros setores (MUNIAGURRIA, 2021), especialmente no que diz respeito à diminuição da média salarial e à falta de garantias trabalhistas.

4 De acordo com IBGE em 2020, 5,6% da população ocupada do país estava no setor cultural, o que representa 4,8 milhões de pessoas. Destas, quase 2 milhões ocupam cargos informais.

“Não, não posso parar, se eu parar não pago as contas”. Parodiando a canção “Mundo Maluco”, compartilho algumas ações on-line dos artistas encontrados através do mapeamento e que passei a acompanhar durante a pesquisa. Através de diversas plataformas, algumas que permitiam a monetização do conteúdo produzido e outras que permitiam transmissões on-line e contavam com a contribuição voluntária do público, os artistas fizeram usos diversos das redes, fosse para dar continuidade à profissão ou não.

A artista Vanessa Kim⁵, que obtinha renda com seu trabalho nas ruas, relatou (informação verbal)⁶ que no início da pandemia passou a divulgar seu CD e serenatas on-line – vídeos de canções interpretadas pela cantora e encomendadas para presentear ou homenagear alguém. Com o crescimento das lives entre os artistas de diversos linguagens e segmentos, o público da artista passou a questioná-la sobre a

5 O trabalho da artista pode ser acompanhado através do Instagram @vanessakim e do seu canal no Youtube www.youtube.com/c/VanessaKimura.

6 Mariana Talamini, entrevista concedida para a Iniciação Científica, em 16 abr. de 2021.

falta dessa ferramenta na sua presença on-line e, então, ela passou a fazer *lives* com temáticas específicas como MPB e Forró, contando com a contribuição voluntária dos espectadores. Ainda que as pessoas demonstrassem o apreço e a vontade de vê-la cantar, não significava que estavam dispostas a remunerá-la; os retornos financeiros obtidos, segundo a cantora, não se comparam aos da rua. Dessa forma, a artista contou que pretende retornar ao trabalho formal relacionado a sua graduação justamente por essa dificuldade, sendo um exemplo dos inúmeros artistas que tiveram que recorrer a outros trabalhos para se sustentarem financeiramente.

Para a artista Carolina Zingler⁷, a realização de *lives* foi como um respiro com as pessoas, já que relata⁸ ter passado a maior parte do tempo sozinha durante sua quarentena. Ela também realizou transmissões com temáticas, apresentando canções folk, tocando no violão de aço tanto canções autorais,

7 O trabalho da artista pode ser acompanhado através do Instagram @carolinazingler e do seu canal no Youtube www.youtube.com/carolinazingler.

8 Mariana Talamini, entrevista concedida para a Iniciação Científica, em 07 maio de 2021.

quanto canções de outros artistas como Joni Mitchell e Joan Baez. Em dias específicos da semana, ela tocava jazz e músicas brasileiras. Segundo Zingler, as *lives* eram também uma maneira dela continuar tocando: a artista as compara à sua atuação prévia nas ruas, relatando que tocar nas ruas era como um ritual e a fez melhorar como instrumentista. Suas *lives* eram transmitidas pelo Instagram e Youtube, contando com a contribuição voluntária do público.

As contribuições voluntárias ocorreram através do uso de ferramentas como QR Codes, transferências bancárias, plataformas de vaquinhas e, a partir de novembro de 2020 com a criação do PIX pelo Banco Central do Brasil, as *chaves PIX* dos artistas passaram a ser amplamente utilizadas sendo disponibilizadas ao público para facilitar as contribuições.

Além das *lives*, identifiquei outros dois usos das redes entre os artistas pesquisados. O primeiro se trata do *Musika de Presente*⁹ que foi idealizado pelo compositor João Sobral (2021),

9 O projeto pode ser acompanhado através do Instagram @MusikaDePresente.

o qual, através de histórias contadas pelas pessoas, compõe canções inéditas no intuito de presentear alguém. O compositor conta em entrevista que para a composição de cada canção ele pede um texto sobre a pessoa homenageada, contando algumas características e histórias, além de uma canção de que a pessoa goste para se inspirar e ter referências de harmonia e instrumentação. As canções foram compartilhadas nas plataformas Instagram e Spotify e somam mais de 40 composições. Sobral relatou que o projeto surgiu no começo da pandemia, quando ele se deparou com a impossibilidade de obter renda sem os shows. O segundo uso trata-se do *Stringbreaker Night Live*, que foi idealizado pelo trio paulistano de blues-rock *StringBreaker*¹⁰. Consistiu em *lives* transmitidas através do Instagram do grupo nas quais eles conversaram com diferentes músicos sobre diversas temáticas musicais. O projeto começou em setembro de 2020 e, até dezembro do mesmo ano – quando foi realizada a última entrevista – somou 12 *lives*.

10 O trabalho do trio pode ser acompanhado através do Instagram @stringbreakerrock.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internet adentrou desde as investigações bibliográficas até o trabalho de campo da pesquisa. Dessa forma, é indispensável uma reflexão sobre as barreiras que impedem um acesso democrático e igualitário às tecnologias de comunicação, visto que isso implica diretamente na ausência e presença de musicares, bem como nas práticas realizadas em plataformas digitais. No caso do Brasil, a pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação em domicílios brasileiros realizada em 2020 revelou que a ampliação do acesso à internet se dá de modo desigual entre classes, raça e gênero. Outro dado diz respeito ao baixo e limitado aproveitamento da internet pelos usuários, já que a maior parte dos brasileiros navega através do celular. Nesse sentido, a familiarização e habilidades digitais indispensáveis para navegar nas redes constituem outra barreira, já que há uma porcentagem significativa de pessoas que não possuem letramento digital, compreendido:

[pelo] conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio do computador-internet, sendo capaz de atingir seus objetivos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente. (FREITAS, 2010, p. 339).

Esses dados ampliam ainda mais a percepção dos prejuízos e ausências ocasionados pelas relações transpostas para on-line e pela interrupção das práticas presenciais, visto que foram privilegiadas as pessoas que tinham equipamentos adequados, habilidades audiovisuais e, não menos importante, visibilidade nas redes sociais, as quais têm um funcionamento que se assemelha mais a ilhas digitais do que a uma aldeia global, termo que McLuhan (1962) utilizou para se referir ao avanço da tecnologia da comunicação no mundo. Enquanto isso, pessoas com pouca infraestrutura não puderam fazer uso das ferramentas digitais e foram afetadas em inúmeras esferas, inclusive no que tange a continuidade do compartilhamento de suas práticas musicais.

Além disso, a maior parte dos

artistas com que pude conversar ressalta, ao falar das experiências tocando, o impacto do deslocamento das ruas para o digital no que diz respeito à relação estabelecida com o público. Nas ruas há o compartilhamento de um espaço público de maneira não hierarquizada, ou seja, ambos no mesmo plano, incorporando as dinâmicas da cidade e interagindo através do “olho no olho”, da dança, das palmas, de um refrão cantando coletivamente ou um grito proferindo elogios, enquanto no digital, as disposições se assemelham à configuração de palco e plateia, em que o artista ocupa um lugar de destaque. As interações ocorrem através de emojis e comentários em chats, impossibilitando o pulsar coletivo dos corpos.

A internet não se transformou na Avenida Paulista, a transposição para o digital não substituiu e nem deu conta dos signos proporcionados pela presença; entretanto, suscitou novas formas de fazer a manutenção das relações e práticas musicais.

6. REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun. The Production of Locality. In: APPADURAI, Arjun. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 178-199.
- BACCHIERI, Daniel. *StreetMusicMap: a global research on street music*, 2020. Disponível em: <http://streetmusicmelbourne.com/streetmusicmap-global/>. Acesso em: 11 de jun. 2020.
- CERTEAU, Michel de, *L'invention du quotidien: 1. Arts de faire*, 1980, Paris, Gallimard, 1980 (Trad. Bras. Ephrain F. Alves. Petrópolis, Vozes, 2014).
- FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 335-352, dez. 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/v26n03/v26n03a17.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.
- KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Penso Editora: Porto Alegre, 2014.
- McLUHAN, Marshall. *The Gutenberg galaxy: the making of typographic man*. Toronto: University of Toronto Press, 1962.
- MILLER, Daniel. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento — Prof. Daniel Miller, Univ. College of London. YOUTUBE.COM. 2020. Dur: 20m13s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WC24b-3nzp98>. Acesso em 20 out. 2020.
- MUNIAGURRIA, Lorena Avellar de. “Os primeiros a parar e os últimos a voltar”: trabalhadores da cultura no Brasil em tempos de COVID-19. *Música e Cultura*. [S.l.], n. 12, p. 232-243, 2021. Disponível em: https://www.abet.mus.br/wp-content/uploads/2021/11/10_muniagurria-1.pdf. Acesso em: 13 dez. 2022
- REILY, Suzel Ana; TONI, Flávia Camargo; HIKIJI, Rose Satiko. *O musicar local: novas trilhas para a etnomusicologia*. 2016. Projeto de Pesquisa. Projeto FAPESP 2016/05318-7. FAPESP: São Paulo, 2016. Disponível em: <https://antropologia.fflch.usp.br/sites/antropologia.fflch.usp.br/files/upload/paginas/O%20MUSICAR%20LOCAL%20projeto.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2022.
- REILY, Suzel Ana. O musicar local e a produção musical da localidade. *GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia*, São Paulo, Brasil, v. 6, n. 1, p. e-185341, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2021.185341>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/185341>. Acesso em: 6 fev. 2022.
- SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performance and listening*. Middletown, Ct: Wesleyan University Press, 1998.
- SOBRAL, João. João Sobral compõe músicas personalizadas para homenagear pessoas. [Entrevista cedida a] Ivo Madoglio. Programa Mais Você, Rede Globo: [Rio de Janeiro], 21 jul. 2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9705137/>. Acesso em: 13 dez. 2022.

Mariana Talamini

Graduada em Licenciatura em Música
Universidade Estadual de Campinas.

Email: m221901@dac.unicamp.br